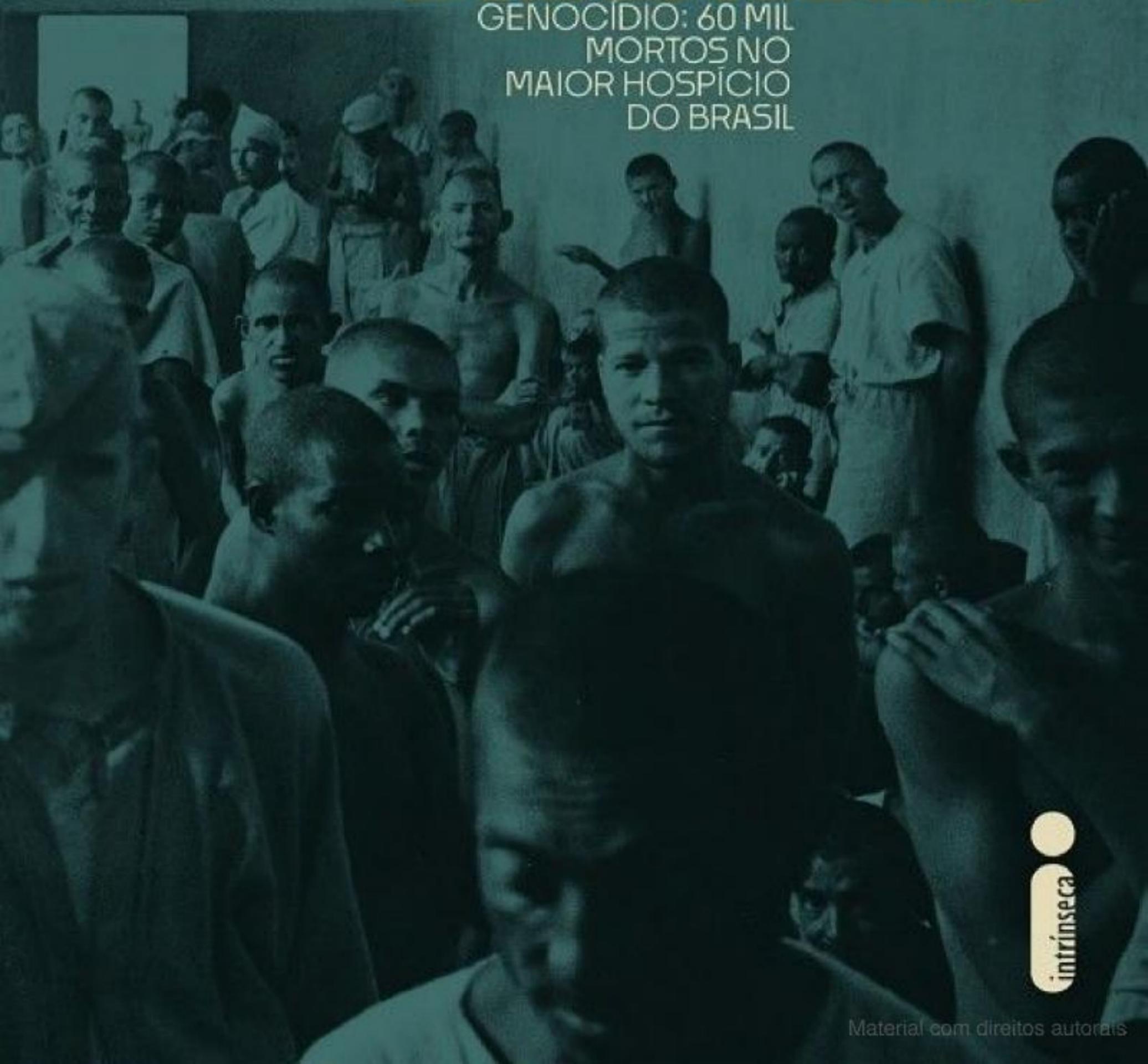


Mais de 300 mil exemplares vendidos
Premiado com o Jabuti e o APCA

**DANIELA
ARBEX**
**HOLOCAUSTO
BRASILEIRO**

GENOCÍDIO: 60 MIL
MORTOS NO
MAIOR HOSPÍCIO
DO BRASIL



intrínseca

Material com direitos autorais

Copyright © 2019 by Daniela Arbex

REVISÃO

André Marinho

Laís Curvão

PROJETO GRÁFICO

Carolina Araújo | Ilustrarte Design

ARTE DE CAPA

Angelo Bottino

FOTO DE CAPA

Luiz Alfredo | Fundação Municipal de Cultura de Barbacena

FOTOS

Daniela Arbex, exceto quando especificado.

REVISÃO DE E-BOOK

Victor Huguet

GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrínseca

E-ISBN

978-85-510-0464-7

Edição digital: 2019

1ª edição

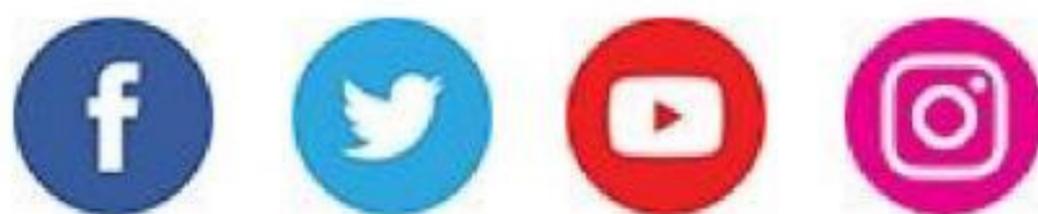
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 Gávea

Rio de Janeiro - RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400



intrinseca.com.br

Este livro é dedicado a milhares de homens, mulheres e crianças que perderam a vida num campo de concentração chamado Colônia.

Ao meu marido, Marco, por tornar meus sonhos possíveis.

Ao meu filho, Diego, a melhor parte de mim.

Agradecimentos

À minha mãe, Sônia, e meu padrasto, Francisco, fortalezas em meu caminho.

Ao meu pai, José Arbex, meu adorável fã número um.

À Isabel Salomão de Campos, por me ensinar que o bem e o amor ao próximo são passaportes para a verdadeira felicidade.

Ao jornalista Lúcio Vaz, por sua generosidade.

Ao fotógrafo Roberto Fulgêncio, por quase duas décadas de parceria profissional.

Ao Juracy Neves, diretor-presidente da *Tribuna de Minas*, por ser um dos primeiros a me incentivar a escrever e por ter me dado a oportunidade de publicar no jornal esta e outras grandes histórias.

Aos jornalistas Marise Baesso, Lilian Pace, e Paulo César Magella, pela amizade, pelo apoio e pela compreensão.

À Fundação Municipal de Cultura de Barbacena (Fundac), pela cessão das fotos de Luiz Alfredo.

Ao médico Ronaldo Simões e ao fotógrafo Luiz Alfredo, por terem confiado a mim suas memórias.

Especialmente à Denise Gonçalves, por seu incomparável talento e dedicação a este projeto.

Sumário

[Avançar para o início do texto.]

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Epígrafe

Agradecimentos

Prefácio: Os loucos somos nós

O pavilhão Afonso Pena

Na roda da loucura

O único homem que amou o Colônia

A venda de cadáveres

Os meninos de Oliveira

A mãe dos meninos de Barbacena

A filha da menina de Oliveira

Sobrevivendo ao holocausto

Encontro, desencontro, reencontro

A história por trás da história

Turismo com Foucault

A luta entre o velho e o novo

Tributo às vítimas

A herança do Colônia

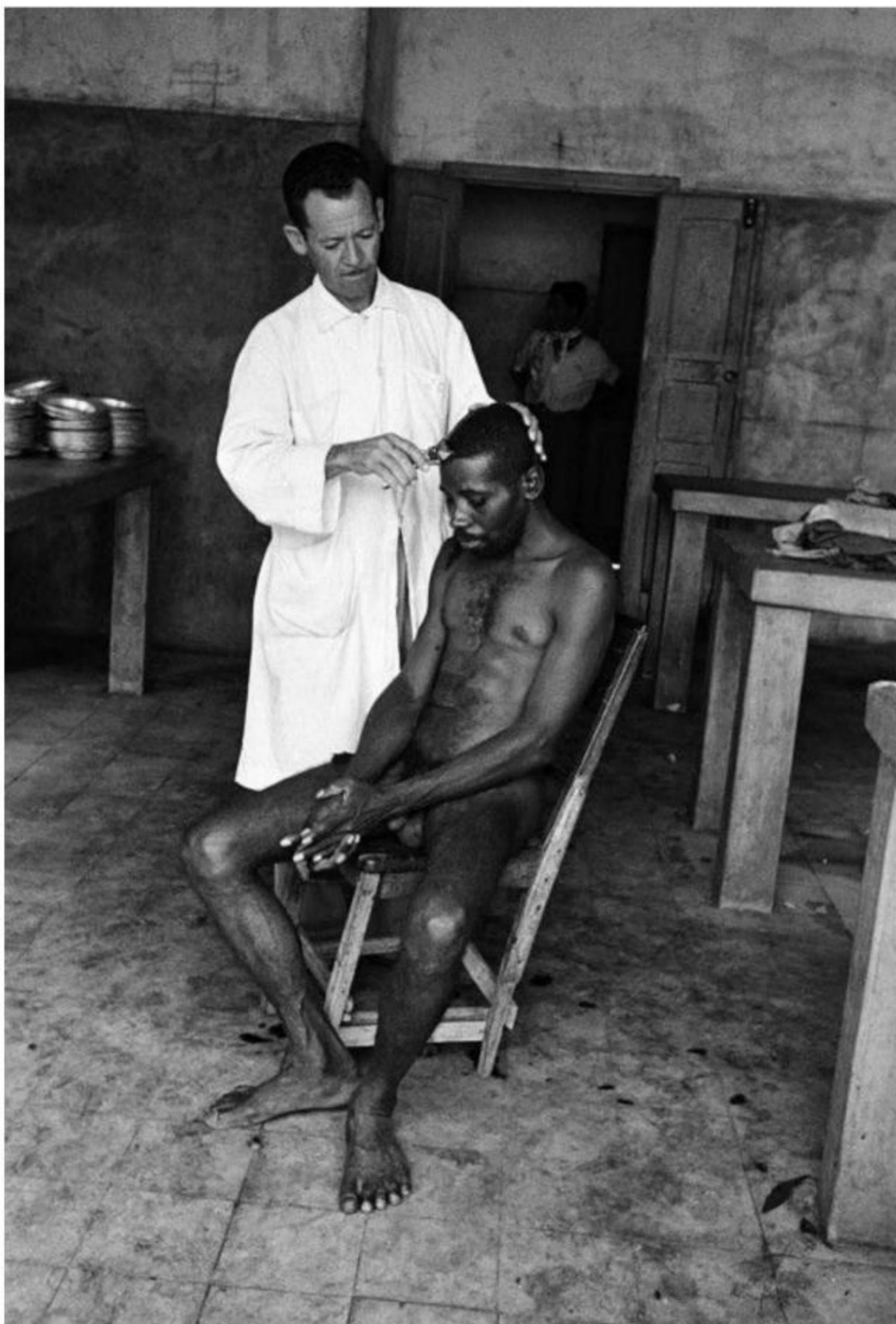
[Posfácio](#)

[As imagens do horror: Fotos de Luiz Alfredo, da revista O Cruzeiro](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça outro título da autora](#)

[Leia também](#)



Luiz Alfredo/Fundação Municipal de Cultura de Barbacena.

Prefácio

OS LOUCOS SOMOS NÓS

O repórter luta contra o esquecimento. Transforma em palavra o que era silêncio. Faz memória. Neste livro, Daniela Arbex devolve nome, história e identidade àqueles que, até então, eram registrados como “Ignorados de tal”. Eram um não ser. Pela narrativa, eles retornam, como Maria de Jesus, internada porque se sentia triste, Antônio da Silva, porque era epilético. Ou ainda Antônio Gomes da Silva, sem diagnóstico, que ficou vinte e um dos trinta e quatro anos de internação mudo porque ninguém se lembrou de perguntar se ele falava. São sobreviventes de um holocausto que atravessou a maior parte do século XX, vivido no Colônia, como é chamado o maior hospício do Brasil, na cidade mineira de Barbacena. Como pessoas, não mais como corpos sem palavras, eles, que foram chamados de “doidos”, denunciam a loucura dos “normais”.

As palavras sofrem com a banalização. Quando abusadas pelo nosso despudor, são roubadas de sentido. Holocausto é uma palavra assim. Em geral, soa como exagero quando aplicada a algo além do assassinato em massa dos judeus pelos nazistas na Segunda Guerra. Neste livro, porém, seu uso é preciso. Terrivelmente preciso. Pelo menos 60 mil pessoas morreram entre os muros do Colônia. Tinham sido, a maioria, enfiadas nos vagões de um trem, internadas à força. Quando elas chegaram ao Colônia, suas cabeças foram raspadas, e as roupas, arrancadas. Perderam o nome, foram rebatizadas pelos

funcionários, começaram e terminaram ali.

Cerca de 70% não tinham diagnóstico de doença mental. Eram epiléticos, alcoolistas, homossexuais, prostitutas, gente que se rebelava, gente que se tornara incômoda para alguém com mais poder. Eram meninas grávidas, violentadas por seus patrões, eram esposas confinadas para que o marido pudesse morar com a amante, eram filhas de fazendeiros as quais perderam a virgindade antes do casamento. Eram homens e mulheres que haviam extraviado seus documentos. Alguns eram apenas tímidos. Pelo menos trinta e três eram crianças.

Homens, mulheres e crianças, às vezes, comiam ratos, bebiam esgoto ou urina, dormiam sobre capim, eram espancados e violados. Nas noites geladas da serra da Mantiqueira, eram atirados ao relento, nus ou cobertos apenas por trapos. Instintivamente faziam um círculo compacto, alternando os que ficavam no lado de fora e no de dentro, na tentativa de sobreviver. Alguns não alcançavam as manhãs.

Os pacientes do Colônia morriam de frio, de fome, de doença. Morriam também de choque. Em alguns dias, os eletrochoques eram tantos e tão fortes, que a sobrecarga derrubava a rede do município. Nos períodos de maior lotação, dezesseis pessoas morriam a cada dia. Morriam de tudo — e também de invisibilidade. Ao morrer, davam lucro. Entre 1969 e 1980, 1.853 corpos de pacientes do manicômio foram vendidos para dezessete faculdades de medicina do país, sem que ninguém questionasse. Quando houve excesso de cadáveres e o mercado encolheu, os corpos foram decompostos em ácido, no pátio do Colônia, na frente dos pacientes, para que as ossadas pudessem ser comercializadas. Nada se perdia, exceto a vida.

Pelo menos trinta bebês foram roubados de suas mães. As pacientes conseguiam proteger sua gravidez passando fezes

*image
not
available*



Luiz Alfredo/Fundação Municipal de Cultura de Barbacena.

*image
not
available*

Fundação Educacional de Assistência Psiquiátrica (FEAP), pudessem colocar a forragem vegetal de volta no pavilhão ao final do dia.

— Meu Deus, eu não vou dar conta. Essas pessoas vão morrer — murmurava Marlene, ao iniciar a tarefa de recolher o capim.

Em choque, cumpriu a rotina, embora sua mente estivesse no lugar modesto em que vivia, mas com cama limpa e quente para dormir. Pensou em desistir, porém não queria decepcionar os pais. Com ensino médio concluído no Colégio Tiradentes, a quinta filha de uma família de oito irmãos tinha passado em décimo lugar em concurso do Estado, um feito para os Laureanos.

A pergunta da mãe ecoava em sua cabeça.

— Filha, é isso que você quer?

Apesar de sentir medo do desconhecido, Marlene tinha certeza de que não seguiria os passos maternos. Durante trinta e dois anos, Regina trabalhou na Ferreira Guimarães. Saía de casa ainda de madrugada e caminhava quase duas horas para chegar ao serviço. A jornada exaustiva só terminava no final da tarde, quando a sirene da fábrica de tecidos anunciava que era hora de calar as máquinas. A lembrança dos sacrifícios enfrentados pela tecelã fez a filha esperar com ansiedade pelo primeiro dia do novo trabalho.

O barulho da água caindo dentro do balde a despertou. Marlene iniciava agora a lavagem de toda a ala, na tentativa de desinfetar o chão impregnado pelo cheiro de fezes e urina não só humanas, mas também dos ratos que dividiam o espaço com os pacientes do Colônia, considerado o maior hospício do Brasil. Ao esfregar a vassoura contra o piso, a jovem viu o emprego dos sonhos transformar-se em pesadelo. Começara a trabalhar num campo de concentração travestido de hospital.

*image
not
available*

— Está chegando mais um “trem de doido” — gritou um funcionário do hospital.

A parada na estação Bias Fortes era a última da longa viagem de trem que cortava o interior do país. Quando a locomotiva desacelerava, já nos fundos do Hospital Colônia, os passageiros se agitavam. Acuados e famintos, esperavam a ordem dos guardas para descer, seguindo em fila indiana na direção do desconhecido. Muitos nem sequer sabiam em que cidade tinham desembarcado ou mesmo o motivo pelo qual tinham sido despachados para aquele lugar.

Os deserdados sociais chegavam a Barbacena de vários cantos do Brasil. Eles abarrotavam os vagões de carga de maneira idêntica aos judeus levados, durante a Segunda Guerra Mundial, para os campos de concentração nazistas de Auschwitz. A expressão “trem de doido” surgiu ali. Criada pelo escritor Guimarães Rosa, ela foi incorporada ao vocabulário dos mineiros para definir algo positivo, mas, à época, marcava o início de uma viagem sem volta ao inferno.

O simbolismo da loucura nos contos de Guimarães Rosa indica que, assim como Marlene, um dos mais famosos escritores do país conhecia a realidade do Colônia. O romancista e contista foi médico voluntário da Força Pública durante a Revolução Constitucionalista de 1932, ingressando, um ano depois, como oficial médico, no 9º Batalhão de Infantaria, em Barbacena. No conto “Sorôco, sua mãe, sua filha”, do livro *Primeiras estórias*, lançado em 1962, o autor resgata a situação dos trens que chegavam apinhados de gente à capital brasileira da loucura, em busca de tratamento psiquiátrico.

O escritor referia-se a Barbacena, descrevendo, por meio do personagem principal, a angústia de um homem na despedida das únicas pessoas que tinha no mundo e que partiriam no

*image
not
available*

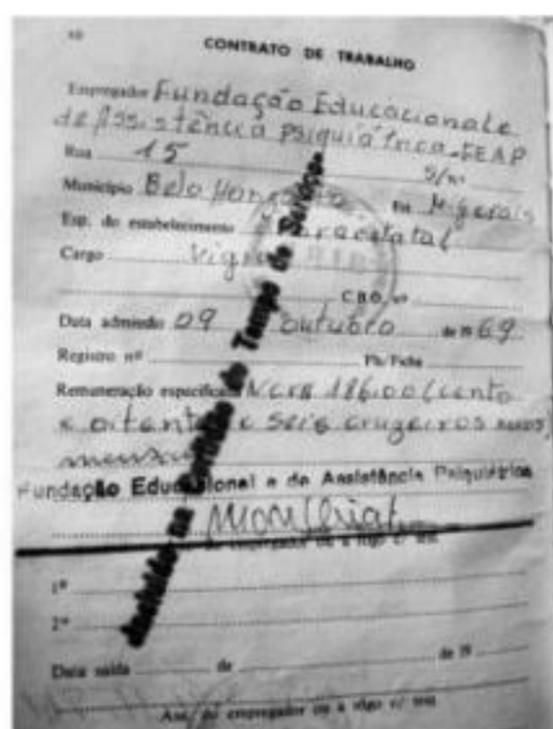
psiquiátricos existentes em Minas até a década de 1980 estavam localizados no famoso corredor da loucura formado por Barbacena, Juiz de Fora e Belo Horizonte. Nesse período, as três cidades concentravam 80% dos leitos da saúde mental no estado. Parâmetros da Organização Mundial da Saúde estabeleciam como referência três internações para cada mil beneficiários no país. Mas estudos do setor psiquiátrico mineiro revelaram quase sete internações para cada grupo de mil, em 1979. Em 1981, o número era superior a cinco. A cada duas consultas e meia, uma pessoa era hospitalizada nas Gerais.

Antônio Gomes da Silva, setenta e quatro anos, foi um dos pacientes encaminhados para o hospital, aos vinte e cinco anos. Há poucos registros sobre o passado de Cabo, como Antônio foi apelidado. O que se conta sobre ele é que o desemprego se somou à bebedeira e ao “descontrole dos negócios”, como Antônio diz, resultando em sua prisão. Passados mais de quarenta anos do episódio, o Cabo não sabe mais o motivo pelo qual foi mandado para o Colônia pela caneta de um delegado no dia 3 de janeiro de 1969.

— Não sei por que me prenderam. Cada um fala uma coisa. Mas, depois que perdi meu emprego, tudo se descontrolou. Da cadeia, me mandaram para o hospital, onde eu ficava pelado, embora houvesse muita roupa na lavanderia. Vinha tudo num caminhão, mas acho que eles queriam economizar. No começo, incomodava ficar nu, mas com o tempo a gente se acostumava. Se existe inferno, o Colônia era esse lugar.

Antônio fala baixo, quase como se não quisesse lembrar. Tem o rosto apoiado às mãos, e, apesar da estatura alta, parece querer esconder-se de si mesmo. Dentro da unidade, manteve-se calado durante vinte e um dos trinta e quatro anos em que ficou internado. Considerado mudo, soltou a voz, um dia, ao ouvir a banda de música do 9º Batalhão da Polícia Militar.

*image
not
available*



Geraldo Magela Franco, contratado como vigia do hospital em 1969.
No alto, foto da carteira de trabalho dele, à época, com o cargo, e outra mais recente.

*image
not
available*

QUESITOS

1. Nome *Maria Fe de Jesus,*
2. Sexo *Feminino*
3. Idade *23 annos*
4. Estado civil *Solteira*
5. Nacionalidade *Portuguesa*
6. Condición social (profissão) *Solteira*
7. Grada de instrução *Elementar*
8. Características físicas *Branca e magra*
9. Os accidentes patentes e manifestos estão vivos ou mortos? Em que falleceram? Qual o estado das que estão vivas? *Não se sabe*
10. Entre os parentes do nome paterno e materno há ou não actualmenty alguns esforços de ligação ou de melhorias, applicação de hygiène, applicação de curas? *Não se sabe*
11. Tem ou não accidentes atípicos ou applicáveis, pyóricos, applicáveis no paratuberculose? *Não se sabe*
12. Qual o caracter habitual do sono? *Sempre calmo e tranquilo*
13. Nasce o termo em boas condições de saúde? *Sim*
14. Tem filhas? Quantas, mortas e de que falleceram? Quantas vivas e qual seu estado de saúde? *Não tem filhas*
15. Tem costumbres ou hábitos e manifestos hereditarios ou adquiridos na 1.ª e na 2.ª infancia? *Não se sabe*

- 20712309
16. O'livros que se tem lido e os estudos applicados em hygiène applicados? *Não se sabe*
 17. Que applicações applicou em hygiène? *Não se sabe*
 18. Se existe alguma sua manifestação de histeria, epilepsia, paralyse ou de histeria hysterica? *Não se sabe*
 19. Se houve alguma manifestação de histeria actual e como manifestou? *Não se sabe*
 20. Qual tem sido sua manifestação por histeria e epilepsia? *Sempre triste*
 21. Se se tem estado agitada e furiosa em algum momento actual e actual? *Colera e triste*
 22. Tem manifestos violentos e como aggressivos? Contra quem? *Não tem*
 23. Tem a ajuda pela família, parentes e amigos? *Sim*
 24. Tem ou não manifestos de histeria? Qual são? *Não tem*
 25. Por effeito da histeria actual e histeria actual de colera, de histeria e manifestos? *Sim*
 26. Haverá alguma manifestação, como epilepsia de histeria, parte de histeria e outras manifestações de histeria e epilepsia da histeria actual? *Não*
- Jacut H. do 1.º de 1911.
F. Rubim

Documento de mulher internada em 1911 por tristeza.

Arquivo público mineiro.

Cansou de ouvir histórias sobre os loucos perigosos, mas as pessoas que ofereciam risco eram as mesmas que passavam a noite na porta do quarto dos plantonistas para proteger a filha da funcionária que dormiria lá. Mimada pelas pacientes, a menina não sentia medo. Pelo contrário. Ficou amiga de Conceição Machado, uma das internas que mais resistiram ao encarceramento no Colônia. Aos quinze anos, Conceição foi mandada para o hospital, porque decidiu reivindicar do pai a mesma remuneração paga aos filhos machos. Embora trabalhasse como os irmãos na fazenda de Dores do Indaiá, município pouco povoado do centro-oeste das Gerais, a filha do fazendeiro não desfrutava dos mesmos direitos. Pela atitude

*image
not
available*



Conceição Machado é a mulher que está à esquerda da freira.
Luiz Alfredo/Fundação Municipal de Cultura de Barbacena.

— Eu não sabia o tamanho da tragédia. Hoje sei e me arrependo de não ter dado o grito mais cedo. Acho que eu podia ter evitado alguma morte. Quantas? Muitas talvez.

A sensação de impotência diante das atrocidades ocorridas dentro dos muros do hospital é comum a funcionários e ex-funcionários do Colônia. Muitos contam que desejaram denunciar o sistema, mas não havia quem se dispusesse a ouvir. Vinte e oito presidentes do estado de Minas Gerais, interventores federais e governadores revezaram-se no poder desde a criação do Colônia, entre 1903 e 1980. Outros dez diretores comandaram a instituição nesse período, alguns por mais de vinte anos, como o médico Joaquim Dutra, o primeiro dirigente. Em 1961, o presidente Jânio Quadros colocou o aparato governamental a serviço da instituição para reverter “o calamitoso nível de assistência dada aos enfermos”. Deputados

*image
not
available*

não era uma opção. Muitas roupas eram peças únicas, por isso, no dia em que elas eram recolhidas para a lavanderia, o interno não tinha o que vestir. Se não conseguisse recorrer à caridade alheia, por meio de doação, era obrigado a entregar-se à exposição indesejada.

Ao seguirem pelados para o pátio, os considerados loucos iniciavam o mesmo ritual da madrugada anterior. Em movimentos ritmados, agrupavam-se tão próximos, que formavam uma massa humana. Vagavam juntos, com os braços unidos, para que o movimento e a proximidade ajudassem a aquecer. Os de dentro da roda, mais protegidos do vento, trocavam de lugar com os de fora. Assim, todos conseguiam receber calor, pelo menos por algum tempo.

Os que ainda vestiam alguma coisa entregavam os trapos para acender fogueira. Nem sempre havia pano suficiente para alimentar o fogo, mas cada um procurava colaborar com aquilo de que dispunha. Difícil imaginar que, em meio ao abandono extremo, ainda restasse forças para ajudar.

*image
not
available*

intervenção cirúrgica no cérebro para seccionar as vias que ligam os lobos frontais ao tálamo era recorrente no Colônia. Embora tenha sido considerada uma técnica bárbara da psicocirurgia, a lobotomia ainda é realizada no país.

As décadas de encarceramento deixaram em Sônia marcas físicas dos maus-tratos. Para curar as feridas abertas em seu corpo, ela jogava esmalte por cima da pele, provocando infecções difíceis de curar. Num dia de fúria e dor, arrancou o próprio dente com um alicate, porque não aguentava mais sentir o rosto latejar. Respondeu com violência ao período mais cinza da sua vida. Passou a ser temida, aprendeu a odiar. Foi vítima, mas também algoz. Apanhou muito, no entanto, vangloria-se de ter revidado e agredido funcionários e pacientes.

Assim como a interna Celita Maria da Conceição, ela passou as próprias fezes no corpo durante o período em que esteve grávida no hospital. Questionada sobre o ato repugnante, Sônia justificou:

— Foi a única maneira que encontrei de ninguém machucar meu neném. Suja deste jeito, nenhum funcionário vai ter coragem de encostar a mão em mim. Assim, protejo meu filho que está na barriga.

O repelente humano foi adotado no Colônia por outras gestantes. Apesar de Sônia ter tido dois filhos biológicos dentro do hospital — a menina morreu, e o menino, hoje com trinta e um anos, está preso —, seu coração elegeu uma paciente como filha adotiva.

Em 2003, quando teve a chance de ganhar um endereço, bateu pé. Só deixaria o Colônia se pudesse levar Terezinha com ela. Saíram juntas do hospital, de mãos dadas, pelo portão principal da unidade. Não olharam para trás. Quando se aproximaram da residência terapêutica onde iriam morar com

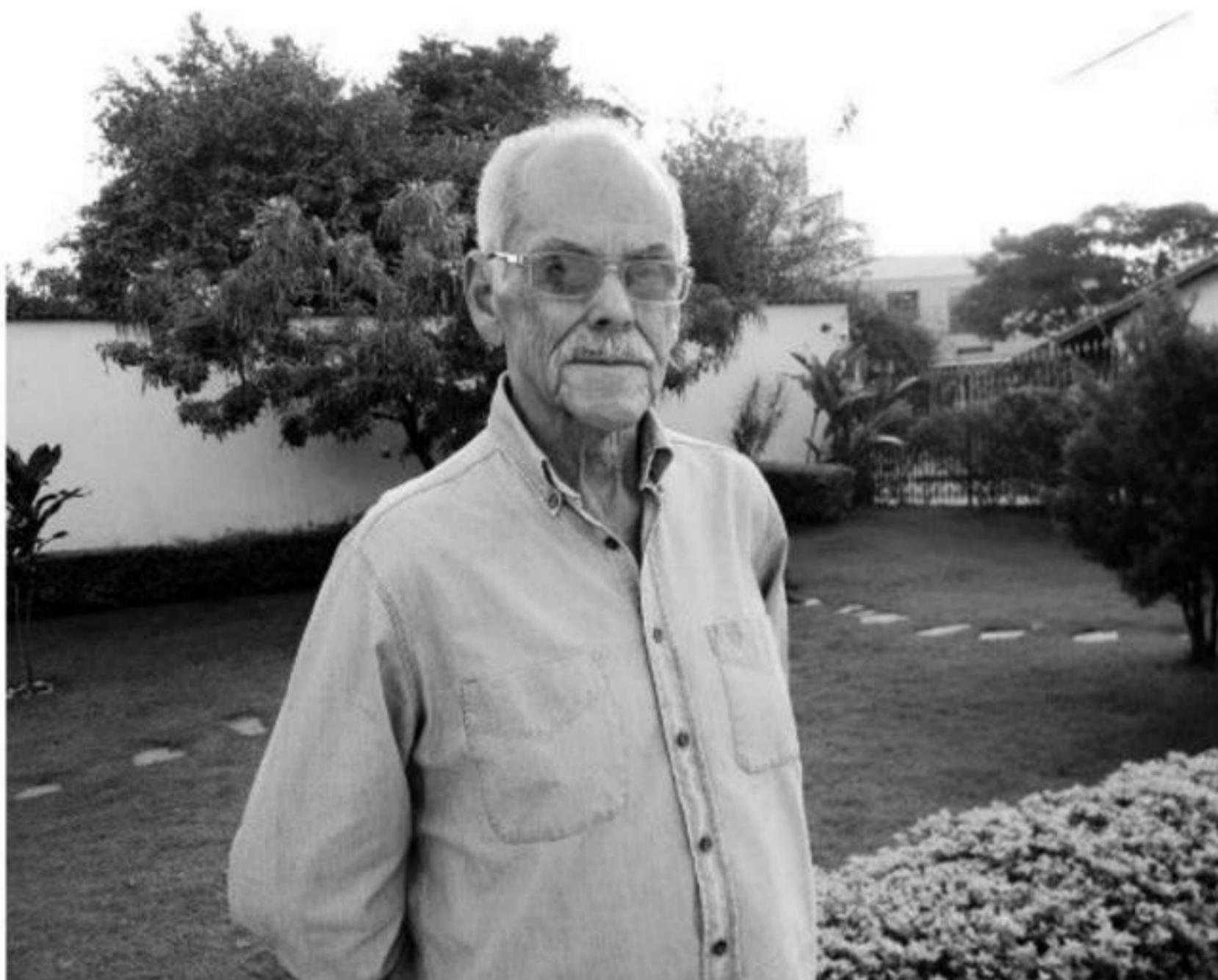
*image
not
available*

Ministério da Saúde, instituído em 2003, por meio de assinatura de lei federal. A norma dispõe sobre a regulamentação do auxílio-reabilitação psicossocial a pacientes que tenham permanecido em longas internações psiquiátricas, nas quais ficaram submetidos à privação de liberdade. Logo que a lei foi criada, 2.600 pessoas foram atendidas em todo o território nacional. Uma das justificativas do programa é consolidar o processo de desinstitucionalização, com base na redução gradual de leitos hospitalares de longa permanência.

Empoderadas financeiramente, Sônia e Terezinha passaram a consumir. O mesmo aconteceu com os outros 160 pacientes que ocupam as vinte e oito residências terapêuticas existentes em Barbacena. A injeção de recurso na economia seduziu o comércio local. De lá para cá, os loucos que tanto envergonharam a cidade passaram a ser disputados por vendedores e lojistas. Sônia adquiriu o hábito de comprar sapatos, um luxo para quem passou a vida inteira com os pés no chão. Os cabelos brancos ficaram negros de novo com as tinturas vendidas no mercado da beleza. Comprou vestidos — às vezes, usa mais de um ao mesmo tempo —, ganhou identidade. Também desenvolveu diabetes, resultado não só dos anos de iniquidade, mas também da descoberta do refrigerante já com meio século de vida, uma delícia da qual ela nunca mais quis abrir mão. Os prediletos são os de uva e o guaraná, mas, desde que não falte, ela toma qualquer um. Os doces entraram no cardápio. A glicose da ex-paciente do Colônia disparou. Para ela, comer ganhou novo sentido. Sônia não sabia que o almoço e o jantar poderiam ter sabor a ponto de despertar o paladar. A tal “comida boa” virou fixação.

Apesar do analfabetismo, ela criou um método próprio para lidar com o dinheiro. Aprendeu que a nota da onça-pintada, R\$ 50, era a que valia mais. A do mico-leão-dourado, R\$ 20,

*image
not
available*



Luiz Felipe Carneiro, neto do administrador do hospital, nasceu dentro do hospício.

Foto mais recente.

— Mas que loucura eles têm? — perguntava a si mesmo, sem coragem de questionar os mais velhos.

O menino intuía que alguma coisa estava errada. Da varanda da casa colonial, Luiz Felipe via os pacientes abrirem estrada na enxada. A ferramenta também era utilizada na plantação. Registros da instituição apontam que, em 1916, quase metade da receita do hospital foi garantida pelo suor dos pacientes e pela venda dos alimentos que eles plantavam. Com a colheita de dez alqueires de milho, cinco de batata-doce, nove de feijão e nove hectares de mandioca, os negócios no Colônia iam bem. O faturamento era garantido, ainda, pelo uso da mão de obra dos internos no conserto de vias públicas, limpeza de pastos,